

ATIVIDADES MUSICAIS E MUSICOTERÁPICAS NA FORMAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA¹

Elcione de Lima²
Geni de Araújo Costa³

RESUMO: Este artigo teve como motivação refletir como as atividades musicais e musicoterápicas influenciam na formação de grupos sociais. Objetiva contribuir na análise de alguns aspectos rítmicos e sonoros, seus efeitos, influência e reações fisiológicas provocadas pelo estímulo sonoro. Para tanto, foi utilizado o método da pesquisa bibliográfica com estudiosos da área, a fim de estabelecer as relações entre os aspectos definidores de uma prática musical musicoterápica voltada para a formação dos grupos. Observa-se neste estudo uma ação benéfica das atividades musicais e musicoterápicas, tanto em termos objetivos (avaliadas em termos de medidas de ritmo cardíaco), bem como de forma subjetiva, na integração, disciplina, ordem e harmonização dos grupos: seus integrantes discentes e docentes, acompanhantes e/ou familiares.

UNITERMOS: Atividades Musicais. Musicoterapia. Grupos Sociais. Formação Universitária. Qualidade do Ser Humano.

Musical Activities and Musical Therapy Training in Social Groups in the Federal University of Uberlandia

ABSTRACT: This article had as motivation the reflection based on how musical activities and musictherapy can influence over the social groups formation and aimed to contribute to the analysis of some aspects of rhythm and sound, its effects, influence and physiological reactions caused by voiced stimulus. To get this result, the method of bibliography research has been used with area studios, in order to establish the relations between the defining aspects of a musictherapy musical practice aimed to formation of groups. In this study, a wholesome action of the musical activities and music therapy has been observed, both objectively (measured in terms of heart rate measures) and subjectively, integration, discipline, order and groups harmonization: its students and teachers members.

KEYWORDS: Musical activities. Musictherapy. Social groups. Undergraduate. Quality of human being.

A prática profissional como musicista, educadora musical e musicoterapeuta, também, as experiências vivenciadas na disciplina Recreação e Lazer e agente integrante do grupo de

¹ Atividades realizadas em grupos sociais: alunos da disciplina Recreação e Lazer do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia e um grupo de estudos focado em Neurociências envolvendo estudantes e alguns docentes dos diversos campi da Universidade Federal de Uberlândia.

² Mestre em Musicologia pelo Conservatório Brasileiro de Música, musicista, educadora musical e musicoterapeuta no Centro Musical de Uberlândia, musicista acompanhante na disciplina Recreação e Lazer da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia cedida pela Prefeitura Municipal de Uberlândia (elcionedelima@netsite.com.br).

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Católica de São Paulo, professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (genicosta@click21.com.br).

estudos focado em neurociências me fizeram perceber que muitos dos problemas vivenciados por grupos sociais dizem respeito às relações desarmonizadas no ambiente universitário.

Porém, as relações de estudo são influenciadas constantemente pelas relações pessoais, interpessoais, transpessoais e por que não dizer também pelas relações que se dão consigo mesmo? É o caso pessoal, na maioria das vezes, do se escutar: apesar de possuir ouvidos não se ouve ou, se assim o faz, esquece-se da escuta! (LIMA, 2000). É necessário escutar-se, sentir-se, perceber-se e ser percebido. E as atividades práticas, de educação musical, têm esta proporção. Fazem com que cada indivíduo se perceba, sinta seu próprio biorritmo, circulação, caminhar, respiração e voz, para posteriormente adentrar no outro, perceberem-se percebendo o outro e ser percebido. Esta é uma prioridade do educador no grupo quando o objetivo é o ensino-aprendizagem. Mas, e a mudança em si mesmo?

Segundo Carvalho e Lima (2007) o educador musical exerce uma atividade diferenciada por lidar diretamente na construção integral do ser humano, porque ao transformar o educando, o contexto histórico-social e cultural é modificado por meio da construção e reconstrução do conhecimento. Antigos paradigmas a respeito da educação por meio da música tendem a se transformar, na medida em que novos paradigmas emergem, pois o encaminhamento das concepções de Educação Musical direciona-se a uma visão holística do ser humano, considerado como um ser pensante e sensível, além de cultural, livre e social; um ser que conhece, aprende e sabe transformar a si mesmo e a realidade e, fundamentado às dimensões de habilidades e competências, remete-se para a construção de uma nova história, da qual educador musical e educando são protagonistas.

Enfatiza-se que, para a concretização da música na educação e formação de grupos sociais é preciso, em primeiro lugar, acreditar que ela esteja engajada no espaço universitário dentro de uma ação efetiva a fim de ampliar o universo artístico e cultural do participante (discente ou docente), visto que a universidade é o espaço, por excelência, para a realização de um projeto de democratização à arte e à cultura. Portanto, existe a necessidade de se poder contar com a possibilidade de ter profissionais com formação musical básica, educados musicalmente, com habilidades e competências desenvolvidas para poderem concretizar o fazer musical dentro da realidade cotidiana nas atividades propostas. Entretanto, vale ressaltar a importância da figura do educador musical, especialista em sua área, para ajudar o participante a compreender e decodificar mensagens sonoras, ao interpretá-las e expressá-las significativamente, por entender que o fazer musical pode ser ampliado e o educador é o principal mediador deste processo de aquisição e produção de novos conhecimentos. A obrigatoriedade do ensino de música deve estar ligada à defesa de um trabalho orientado e ordenado com condições de continuidade, em respeito à presença do especialista na área - o educador musical, pois, ao agir para educar o participante, interfere no contexto social, promove a formação continuada do docente, faz acontecer, de modo efetivo, a música em um contexto poucas vezes privilegiado por esta arte (LIMA, 2002).

De modo geral, com o trabalho, sabe-se que o fluxo do desenvolvimento musical se intensifica com o tempo e com a idade, pois o grau de maturidade alcançado é proporcional às potencialidades desenvolvidas durante o processo ensino-aprendizagem. Contudo, as atividades musicais propostas têm também outro intuito: o fazer musicoterápico através da música. O objetivo então se torna outro: o terapêutico. Não só o de educar e aprender, mas também o de se transformar, vivenciar, mudar algo em prol de si mesmo e do outro.

Neste ínterim, faz-se necessário incluir neste artigo a definição de Musicoterapia e suas particularidades. Então,

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação e/ou tratamento (FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, 1996).

Assim, musicoterapia é a utilização estruturada da música como processo criativo, para manter o máximo potencial humano. É uma atividade planejada, que tem como objetivo a humanização do estilo de vida contemporâneo, através das muitas facetas da experiência musical, para proteger e recuperar a saúde e melhorar as relações sociais e ambientais. (COSTA, 1989)

Como terapia humanista, refere-se ao espaço em que o desenvolvimento pessoal e transpessoal são facilitados pelo som e pela música, utilizando uma abordagem que enfatiza o respeito, a aceitação, a empatia e a harmonia (RUUD, 1989).

Por meio dos elementos musicais como ritmo, melodia e harmonia a musicoterapia utiliza técnicas que promovem a participação “ativa” (cantar, compor, tocar instrumentos) e a participação “passiva” (ouvir, perceber e interpretar). Assim, a musicoterapia fortalece e acorda no nível da criação, a consciência individual e social.

Pode-se observar o resultado do processo musicoterápico na criação ou composição musical quando a mesma possibilita a autoexpressão em diversos níveis. No nível mais primitivo ela nos permite expressar nossos corpos por meio do som. Quando cantamos ou tocamos instrumentos, liberamos energia interna para o mundo externo, fazemos nosso corpo soar. No nível mais sutil, damos forma aos nossos impulsos, vocalizamos o não dizível ou as ideias não pronunciáveis e, destilamos nossas emoções em formas sonoras descritivas (LIMA, 2008).

Ao ouvir música nos expressamos por meio do compositor e do executante da peça. Este tipo de autoexpressão é muito importante quando temos dificuldade de dar forma adequada aos nossos sentimentos e ideias por rejeição ou bloqueio, que podem ser liberados, dissolvidos ou transformados a partir da identificação com a música ouvida. Para Lima (2000), na interação surge a preocupação de se engajar no mundo externo, no sentido de exercer uma influência mútua do tipo “dar e receber”. É um processo de agir sobre e sofrer a ação de outros, de maneira recíproca. É tocar o outro e ouvir o outro. A comunicação envolve a troca de ideias e sentimentos com os outros, e como tal, tem o propósito de codificar e decodificar, trocando mensagens e informações.

Desta forma, todo trabalho musicoterapêutico, necessita de um *feedback* que nos permite

trazer à consciência o que estava inconsciente e nos possibilita transformar nossas imagens internas em realidades externas. A musicoterapia promove a autoexpressão, a interação, a comunicação e nos dá um *feedback* do processo no tempo e do momento presente, possibilitando a descoberta de novas soluções para o futuro no âmbito pessoal e social.

Para Benenson (2000), a área prática da saúde inclui todas as aplicações da musicoterapia em que o foco principal é ajudar o indivíduo a melhorar, recuperar ou manter a saúde. Isso inclui um tratamento direto de doenças ou traumas biomédicos e aquelas formas que abordam os fatores psicossociais correlacionados. Quando o foco é biomédico, o objetivo é produzir mudanças na condição física dos pacientes; quando o foco é psicossocial, o objetivo é modificar aqueles fatores mentais, emocionais, sociais ou espirituais que contribuem para o problema biomédico. Além disso, pode se oferecer formas de apoio psicossocial ao longo do curso de uma doença, de um tratamento médico ou mesmo na convalescença. Há uma diferença entre aquelas práticas que buscam mudanças psicológicas nos clientes como meio para melhorar o problema biomédico e aquelas que buscam mudanças psicológicas com um fim em si, independentemente de problemas biomédicos que o indivíduo possa ter.

Em geral, as áreas da prática da musicoterapia não são definidas somente pelo perfil da clientela, mas principalmente pelos objetos clínicos e pelos resultados. Em hospitais e clínicas essa prática pode reduzir o estresse, o trauma e o medo da doença e das lesões, trabalhar o sentimento sobre a morte, invalidez e sequelas, resolver conflitos interpessoais entre os pacientes, facilitar a tomada de decisões acerca do tratamento a ser realizado, reduzir a depressão e a ansiedade e incentivar o grupo de apoio de pacientes reforçando atitudes positivas e saudáveis.

Com o desenvolvimento da tecnologia para a saúde, a capacidade de ouvir e olhar do médico e do terapeuta foi tercerizada, porque o diagnóstico da máquina é mais seguro. É necessário, agora, conscientizar que esse ouvir e olhar precisam ser resgatados não só para os diagnósticos, mas com o objetivo de humanizar a relação entre os profissionais e desses com os indivíduos em todos os momentos. Essa meta certamente poderá ser alcançada por meio das atividades musicais e musicoterápicas na formação dos grupos sociais: seus integrantes discentes e docentes, acompanhantes e/ou familiares.

Existe, ainda hoje, uma carência de publicações de cunho científico e didático que abordem com detalhes os procedimentos a serem seguidos quando se deseja implementar atividades musicais e musicoterápicas com uma linguagem clara e específica.

Muitas vezes o profissional em musicoterapia e mesmo o docente deseja implementar programas dedicados a automatizar alguma tarefa que não pode ser realizada por um programa já existente (CD com músicas com um mesmo estilo e ritmos distintos, por exemplo). Como não existe um programa específico, ou seja, um repertório que possa atender às necessidades específicas de cada grupo e/ou indivíduo que faça exatamente e de forma personalizada tal tarefa, o musicoterapeuta deverá desenvolver seus próprios programas, e de forma a atender às diversas especificações do grupo social (início, preparação, atividades musicais e *setting* musicoterápico, ou seja, o que acontece musicalmente, em prol do grupo, que sofre a ação, e do participante, às vezes “estressado” e até “surpreso” consigo mesmo). Para Costa (1989), apesar das dificuldades,

o musicoterapeuta deve estar atento para atuar reforçando, espelhando, interagindo e, às vezes, liderando o grupo, sem impor sua personalidade musical. Para Lima (2008) a música favorece uma saudável expressividade emocional, a fluidez dos pensamentos e a serenidade das reflexões, induzindo um estado de maior segurança e conforto ao indivíduo e grupo.

Esta não será uma tarefa muito complicada, caso se tenha uma experiência razoável de “programação musical” na área. Benenson (2000) define para este fim o princípio de ISO como um conjunto infinito de energias sonoras, acústicas e de movimento que pertencem a um indivíduo e que o caracterizam. Considera-se o princípio de ISO como o princípio da igualdade a fim de uma compreensão mais precisa da função da música preestabelecida de acordo com o estado emocional do indivíduo ou do seu ISO GESTÁLTICO. Este movimento energético interno está formado pela herança sonora, pelas vivências sonoras gestacionais intrauterinas e pelas experiências sonoras desde o nascimento até a idade adulta. O problema maior acontece quando o mesmo deseja verificar o resultado sonoro de seu trabalho, com o grupo que abraça tal causa. Nesta hora, uma das possibilidades mais atraentes é selecionar músicas eruditas instrumentais que, por pertencer a um padrão internacional, através de CDs e fitas cassete, podem ser reproduzidos em qualquer ambiente ou equipamento próprio, até mesmo os mais simples, respeitando, obviamente, a pressão arterial e a frequência cardíaca (batimentos cardíacos/ minuto) colhidos antecipadamente do participante envolvido no grupo social. Para Lima (2000, 2008) o importante é obter informações com o indivíduo sobre seu biorritmo, suas preferências musicais e ambiente sonoro no qual ele está inserido, a fim de harmonizar seu gosto musical com o do grupo social que ele integra, pois, pelo princípio de ISO, fundamentado na igualdade, a relação entre música e indivíduo deve ser de correspondência entre as partes.

A implementação das atividades musicais e musicoterápicas na formação de grupos sociais, utilizando a música como suporte instrumental do indivíduo e do grupo é complexa, mas, dominado o paradigma apresentado, fica fácil implementá-lo em qualquer grupo programado. A ideia de utilizar músicas e atividades rítmicas e sonoras para amenizar e harmonizar o ambiente de trabalho não é recente, mas para aqueles que pretendem construir programas de análise, composição e outras tarefas afins, tais como sintonizar o biorritmo de cada participante das atividades e influenciá-lo positivamente no decorrer do processo, diminuindo até mesmo problemas sociais e o estresse do grupo, a utilização da música (sons e silêncio) facilita em muito o trabalho a ser feito.

As atividades musicais e musicoterápicas

Para que as atividades musicais e musicoterápicas na formação dos grupos com informações exerçam uma função integral e humanística, é preciso que estejam aliadas também à arte. Segundo Leinig (2009), eminentes educadores, psicólogos e sociólogos são unânimes em dizer que a música é um elemento indispensável em todo o programa que vise à formação integral e harmoniosa da personalidade. Com a presença da música, relações múltiplas são estabelecidas entre todos aqueles que participam de uma execução ou audição musical, pois cada membro do grupo musical aceita, espontaneamente, uma disciplina comum, porque essa exigência vem da própria música, considerada como mais importante que qualquer um dos seus participantes.

Como tal, comportam-se de maneira aceitável, toleram-se, sentem-se livres para criticar e serem criticados. Além disso, pertencerem a um grupo que faz arte projetará uma imagem melhor de si mesmos, de capacidade e potencialidade de cada um, desenvolvendo-lhes, assim, a autoestima.

A música desempenha um grande papel na formação do caráter do educando, quer moral como civicamente, desenvolvendo-lhe a personalidade e o equilíbrio emocional, pois o homem não se torna preparado para a vida somente à custa do cultivo de sua inteligência. A música é um ótimo meio de comunicação e de agregação, com grande poder de penetração, e é nessa verdade que reside o seu imenso valor educativo e terapêutico.

Segundo Spoerri (1972), para que o homem não chegue a um desgaste físico e mental prematuro, imposto pelas exigências da vida, é preciso que ele se liberte dos fatores negativos que o pressionam. Sendo assim, é nesse momento que a música pode dar sua valiosa contribuição, pela sua ação preventivo-terapêutica. Nos tempos primitivos, o homem já usava o som como ajuda na labuta cotidiana. Desde que mantivesse um ritmo dentro de um tempo determinado, suas tarefas eram realizadas sem esforço.

Na efetivação desse estudo, o fazer musical ocorreu em um ambiente (salas de aula, ginásio e área externa) de múltiplas interações e a produção musical se concretizou sob diferentes maneiras de atuação, as quais dependeram das relações estabelecidas em cada grupo atendido. O funcionamento das relações cotidianas valeu-se de um aprendizado estabelecido em cada ambiente, com suas especificidades e direcionamentos para a construção de saberes e fazeres musicais particulares, inerentes em cada grupo de participantes. Contudo, durante a ação pedagógica terapêutica musical e qualquer que fosse o padrão de produção dos conhecimentos musicais a serem transmitidos, houve sempre alguém que transmitisse tal conhecimento anterior ao processo, como também outros participantes com vontade extrema de conhecer a atividade proposta.

O efeito positivo da música no grupo social é um importante aliado no combate dos agravos da saúde e parceira inseparável de uma medicina mais humanizada. Observou-se ainda, a ação da música, sons e silêncio de forma benéfica, em adultos na formação de grupos sociais e individuais em alguns sinais vitais (frequência cardíaca e pressão arterial), bem como, de forma subjetiva, uma redução na dor e no estresse. Contudo, existem lacunas a serem preenchidas e acreditamos na necessidade de um estudo mais aprofundado e específico sobre os elementos da música e de uma adequação às necessidades do indivíduo submetido ao processo.

Na Universidade Federal de Uberlândia, as atividades musicais e musicoterápicas ajudaram a reduzir os batimentos por minuto dos participantes de uma pesquisa realizada com dois grupos distintos: alunos do Curso de Educação Física e grupo focado em neurociências.

Durante quatro meses, uma vez por semestre, o grupo de 25 a 30 pessoas é exposto a diferentes sons durante uma sessão de 50 minutos: sons com batidas no pulso e alternadas com gestos. Em outro momento, com instrumentos musicais de diversos materiais: bandinha rítmica e outros. É medida a pulsação de cada integrante. A pulsação interior é realizada com pés e mãos e exteriorizada, posteriormente, em conjunto, por aproximação. Como atividade coloca-se a identidade rítmica e sonora pessoal de cada participante na descoberta do som forte e fraco: sílabas tônicas e átonas.

As atividades variam de acordo com a necessidade do grupo, analisadas e registradas por meio de equipamentos próprios: em questão cita-se o colar e o sentir da pulsação com os dedos *in loco* nas artérias.

A pequena diferença entre os grupos, segundo as análises, pode decorrer da atenção dos participantes durante as sessões de audição do biorritmo interior. A concentração é fundamental. Entre os que escutaram a pulsação, alguns possivelmente não relaxaram seus corpos. Outros que permaneceram em silêncio e se escutaram, puderam se perceber e se relacionar melhor com o outro, formando grupos de pessoas que obtiveram aproximadamente os mesmos índices de batimentos cardíacos por minuto após um período de audição de uma dada pulsação.

Tratamentos desse tipo, baseados na audição de sons como os empregados neste estudo, são conhecidos como binaurais, sendo há anos utilizados com sucesso no tratamento de dores crônicas ou no treinamento de atletas. Tang (2008) argumenta que o efeito benéfico deste tipo de tratamento - com sons binaurais - estaria no fato de que eles “regulam as ondas cerebrais para o nível alfa, com um efeito calmante sobre os ouvintes que se concentram”. Segundo ele, o método de relaxamento atua sobre o sistema nervoso parassimpático, que reduz a pressão sanguínea ao relaxar os vasos.

Durante as atividades musicais e musicoterápicas é incentivada a participação ativa tanto do participante quanto do grupo na escolha e na interpretação livre das músicas, juntamente com a musicoterapeuta. A improvisação é bastante utilizada por tratar-se da expressão do indivíduo em sua criatividade, memória, exercício das habilidades para contatos interpessoais e liberação de inibições, angústias e/ou ansiedades que possam interferir negativamente com sua adequação para o enfrentamento da situação que se configura como aversiva (submeter-se a ser exposto).

Para Sá (2004), quando o indivíduo tem informações biológicas (FC, PA etc) ou psicofisiológicas (estresse, relaxamento, excitação etc), a atividade faz com que ele tenha conhecimento do que está acontecendo dentro do próprio corpo. Uma forma de *biofeedback*. Nesses casos, em que a musicoterapia é utilizada, essas informações dos sinais biológicos são imprescindíveis para a real utilização dos recursos sonoros em sintonia com o corpo físico de cada um e com o grupo, uma forma de *feedback* e resposta sonora e rítmica.

Outro fator interessante observado é o retorno verbal dos integrantes no processo. A maioria registra mudanças nos batimentos cardíacos, sua atenção voltada para escuta de si mesmo e também sinais de maior envolvimento nos procedimentos e certa confiança e comprometimento com o grupo. Diminuição de “conversas” paralelas, contos de problemas cotidianos e uma descontração maior que o normal com a escuta de si mesmo e do outro e, ainda na utilização dos instrumentos musicais e das músicas pré-selecionadas e direcionadas nos diversos momentos das atividades musicais e musicoterápicas propostas no procedimento em questão. Enfim, como estudo, a análise é subjetiva em se tratando de gosto musical, porém é certa a diferença do tratamento individualizado oferecido em cada caso em particular.

CONCLUSÃO

Este artigo teve como motivação analisar como as atividades musicais e musicoterápicas influenciam nas relações de ensino-aprendizagem e nas mudanças de comportamento vivenciadas no ambiente universitário e como objetivo analisar aspectos na formação de grupos sociais que podem favorecer um ambiente no qual prevaleçam relações interpessoais mais humanas e justas, privilegiando o respeito à diversidade sociocultural de todos os envolvidos no processo educacional que se relacionam direta ou indiretamente com o educando. Assim, é possível identificar, apesar do pouco material encontrado para a fundamentação da pesquisa, que o sucesso no ambiente de estudo e trabalho está diretamente relacionado ao clima existente no ambiente, ou seja, depende muito das relações interpessoais de todos os envolvidos com a prática educativa, sendo as atividades musicais e musicoterápicas favorecedoras desta formação.

Há ainda a necessidade de realização de estudos mais aprofundados e específicos sobre os diferentes elementos da música (ritmo, tempo, melodia, harmonia e timbre), bem como uma maior adequação ao indivíduo, suas necessidades e preferências.

Em síntese geral, após analisar as atividades, o perfil individual de cada participante e do grupo e os resultados obtidos, este artigo relata os resultados das atividades musicais e musicoterápicas e implementa o trabalho com grupos sociais, conscientes da importância e valorização humana nesse contexto, no qual a escuta e sintonia de músicas pré-selecionadas podem influenciar positivamente no transcorrer do processo evolutivo e posterior bem estar consigo e com o outro.

Este artigo, junto com outras referências (LIMA, 2002, 2008) apresenta os detalhes necessários para que um profissional qualificado e/ou experiente, com conhecimento musical, possa implementar atividades musicais e musicoterápicas durante o processo individual na formação de grupos sociais. O trabalho é apresentado como indicativo de que as atividades práticas são ferramentas auxiliares e podem proporcionar melhoria no estado físico e mental do participante e do grupo, possibilitando ao educador ou profissional um processo tranquilo e confortável, em conformidade com a condição do grupo, o que, conseqüentemente, transparece tanto na fase de estudos como nos resultados de trabalho (LIMA, 2008). Durante a realização das atividades musicais, cuida-se para que, ao musicalizar e sentir, o indivíduo possa-se tornar sensível à música, a fim de, internamente, reagir e se mover com e por meio dela e, simultaneamente, proporcionar a constituição de novos saberes na formação continuada dos grupos atendidos, em um contexto prático e real de ensino-aprendizagem terapêutico.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes et al. Comissão de Prática Clínica. Federação Mundial de Musicoterapia. In: CONGRESSO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, Hamburgo. **Anais...** Hamburgo: s/n, 1996.

BENENZON, Rolando. La Supervisión, In: **Aplicaciones Clínicas de La Musicoterapia**. Buenos Aires; México: Grupo Editorial Lumen, 2000, p. 23-50.

CARVALHO, Brígida M. P., LIMA, Elcione de. Oficina de Música e a formação de professores: o multiplicar de saberes no compartilhar de experiências, In: XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: s/n, 2007.

COSTA, Clarice Moura. **O despertar para o outro: musicoterapia**, São Paulo: Summus, 1989.

LEINIG, Clotilde Espínola. **A música e a ciência se encontram: um estudo integrado entre a música, a ciência e a musicoterapia**. Curitiba: Juruá, 2009. 626p.

LIMA, Elcione de. **Variadas formas de escuta musical: estudo de casos com pacientes em coma**. 2000. 99f. Dissertação (Mestrado em Musicologia) - Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 2000.

LIMA, Elcione de. **Bandinha rítmica na escola**. Música: sons e silêncio durante o processo educacional. 2002. Monografia (Bacharelado em Percussão) - Departamento de Música da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

LIMA, Elcione de. Musicoterapia durante o processo cirúrgico em cirurgias vasculares; e Musicoterapia no processo cirúrgico de partos e os efeitos da música para os pacientes, familiares e equipe médica. In: 21º CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA BIOMÉDICA, **Anais...** Salvador: s/n, 2008

RUUD, Even. **Caminhos da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1989.

SÁ, Ângela A. R. de. **Uma proposta de sistema computacional em tempo real para biofeedback**. 2004. 143f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Biomédica) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

SPOERRI, T. H. **Compêndio de psiquiatria**. Rio de Janeiro: Guanabara Atheneu, 1972.

TANG. **Sons relaxantes ajudam a reduzir pressão sanguínea**. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/s/>>. Acesso em: 17 set. 2008.

Submetido em 20 de novembro de 2009

Aprovado em 26 de março de 2010